

# O discurso fundador da construção da identidade curitibana e a invisibilidade sobre o negro

p. 7 - 17

Tatiane Valéria Rogério de Carvalho <sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o discurso fundador da construção da identidade de Curitiba, a fim de mostrar como este discurso contribuiu para a invisibilidade do negro na capital. Para atingir tal objetivo, será apresentado um breve contexto histórico da construção da identidade paranaense, bem como analisado o discurso fundador dessa identidade por meio dos escritos de Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pela Comarca de Curitiba* (1995); Romário Martins, *História do Paraná* (1995); e Wilson Martins, *Um Brasil Diferente* (1989). É esse discurso fundador, disseminado pela Formação Discursiva do Movimento Paraniستا, que instaurou uma nova identidade para Curitiba-Paraná: aquela que valoriza o imigrante europeu e a superioridade da raça branca e invisibiliza o negro/escravo.

**Palavras-chave:** Análise do discurso. Discurso Fundador. Negro. Curitiba.

## THE FOUNDING DISCOURSE ON CURITIBA'S CONSTRUCTION OF IDENTITY E THE INVISIBILITY OF BLACK PEOPLE

## Abstract

This article aims to analyze the founding discourse of the construction of the identity of Curitiba, in order to show how this discourse contributed to the invisibility of the black people in the state of Parana's capital. In order to reach this goal, a brief historical context of the construction of the identity of Paraná will be presented, as well as the founding discourse of this identity analyzed through the writings of Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem pela Comarca de Curitiba* (1995); Romário Martins, *História do Paraná* (1995); and Wilson Martins, *Um Brasil Diferente* (1989). It is this founding discourse, disseminated by the Discursive Formation of the Movimento Paraniستا, that established a new identity for Curitiba-Paraná: one that values the European immigrant and the superiority of the white race and invisibilizes the black/slave.

**Keywords:** Discourse analysis. Founding discourse. Black people. Curitiba.

## Introdução

Em agosto de 1853, quando o Paraná deixou de ser parte da Capitania de São Paulo e passou a existir como unidade política e cultural, verificou-

se a necessidade da criação de uma imagem/identidade para o estado do Paraná, logo para sua capital Curitiba. Esse seria um trabalho difícil, pois o Paraná, segundo Brasil Pinheiro Machado (*apud* PEREIRA, 1998, p. 69), além de ser um Estado

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Letras - Estudos Linguísticos - pela Universidade Federal do Paraná - UFPR.

de conformação recente na história do Brasil, não tinha particularidades relevantes em qualquer dos seus estratos: geográfico, histórico ou humano.

Com a chegada de imigrantes europeus e a explosão industrial, a sociedade paranaense passou a buscar uma identidade regional própria, mas de matriz europeia, na qual o negro não estava incluído. Assim, primeiramente, tentou-se construir essa identidade por meio da teoria do branqueamento, em que a imagem da população ideal seria loira e de olhos azuis, isto devido à hipótese de que, com a chegada dos imigrantes europeus no Paraná, seria estabelecida uma supremacia racial, em que, por meio da mestiçagem, eliminar-se-iam os negros ou, pelo menos, os traços da negritude. Acreditava-se, também, que, por causa das características climáticas, o processo de branqueamento fosse ser um sucesso no Sul do Brasil. Um engano! As esperanças (teóricas) de regeneração da raça brasileira pelo branqueamento não foram concretizadas. Com a chegada dos imigrantes, o que ocorreu, de fato, foi um choque com a realidade das diferenças culturais. Não se via a aceitação dos imigrantes em fazer parte do grupo étnico paranaense, o que levou a uma nova busca de identidade.

É nesse contexto que, por volta do final do século XIX, surge o Movimento Paranista. Formado por intelectuais, artistas, literatos, etc., além da construção de uma identidade baseada em histórias regionais, lendas primitivas e em uma natureza característica para região, tinha como objetivo conseguir criar no imaginário popular o sentimento de ser parte do Paraná. Assim, a primeira preocupação desse movimento voltou-se para com os imigrantes, e migrantes, pois o Paraná não era formado somente por paranaenses e esse grande número de grupos étnicos precisava estar englobado em seus planos. No entanto, novamente, o negro não foi visto como um

dos grupos étnicos pertencente a esse Estado. Mesmo o Movimento Paranista trabalhando com a heterogeneidade da população, o modelo de civilização continuou a ser o europeu.

Verifica-se, também, que, se o Movimento Paranista forjou uma identidade cultural para o estado do Paraná, com heróis e mitos de origem onde o negro não é citado, entre as décadas de 1960 e 1970, o projeto urbanístico, que visava um modelo de desenvolvimento planejado e a modernização de Curitiba, ajudou, e muito, para que essa invisibilidade se materializasse na cidade.

Esse projeto, que tinha como objetivo solucionar alguns problemas urbanos que haviam surgido (como loteamentos clandestinos, devido ao crescimento desordenado; inundações frequentes no centro da cidade, entre outros), excluiu o negro da área de visibilidade de Curitiba. Para efetivação desse planejamento, as regiões metropolitanas tiveram uma importância crucial, pois possibilitaram a preservação da positividade em torno da imagem da capital Curitiba. Portanto, o sucesso do planejamento urbano dessa capital também contribuiu para invisibilidade/exclusão do negro, ajudando a criar a ideia de Curitiba ser uma das melhores cidades do mundo para se viver.

Outra mudança significativa na cidade que contribuiu para a invisibilidade do negro foi a construção de parques e monumentos em homenagem aos imigrantes, a partir dos anos 1980, que pode ser vista como poder de persuasão simbólico das ideias paranistas, em que se tem a valorização do elemento europeu.

Portanto, podemos dizer que o discurso do Movimento Paranista, que considera que somente os imigrantes europeus foram os responsáveis pela história e cultura da cidade, dissemina um discurso fundador que instaura uma nova ordem de sentidos, cria uma nova tradição, ressignificando o que veio antes e instituindo um novo sentido: o

discurso da representação e da imagem da cidade que nega o passado escravocrata.

Cabe destacar aqui que “discurso” está totalmente relacionado às posições ideológicas, e essas são organizadas com ideias, valores, normas ou regras que estabelecem o que e como a sociedade deve pensar, o que e como deve fazer, funcionando por meio de formações imaginárias. Conforme Pêcheux (1997, p. 160), o sentido de uma palavra, expressão, não existe em si mesmo, ele é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual essas palavras e expressões são produzidas e reproduzidas. Quanto ao discurso fundador, este é o discurso que funciona como referência no imaginário constitutivo de uma cidade, país. Ele se institui na construção do imaginário necessário de uma cidade em formação, constituindo-a em sua especificidade como um objeto simbólico. A partir daí, a noção de discurso fundador liga a formação dessa cidade à formação de uma ordem de discurso que lhe dá uma identidade, possibilitando sua existência e seu reconhecimento, ou seja, o discurso fundador se liga a uma Formação Discursiva (FD).

Como já é de ampla difusão, a noção de Formação Discursiva (FD) é consolidada pela Análise do Discurso (AD) a partir de Michael Foucault (2008). Pêcheux atualiza essa noção a partir de Foucault e Spinoza, no texto *Remontemos de Foucault a Spinoza*, de 1977, apontando para o fato de que a sociedade tem regramentos. Segundo Pêcheux (1997, p. 160, grifo do autor), a FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classe, determina o que pode e deve ser dito”. É nessa perspectiva que os discursos fundadores dos autores Auguste de Saint-Hilaire, Romário Martins e Wilson Martins, que contribuíram para a construção do imaginário paranaense, se ligam

a uma formação discursiva que dá identidade à cidade, o Movimento Paranista, propiciando a apreensão desses discursos.

O discurso fundador inventa um passado equivocado e empurra um “futuro pela frente que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido” (ORLANDI, 2003, p. 12). Isso acontece porque, segundo Orlandi (2003, p. 13), “o sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra ‘tradição’ de sentidos que produz os outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma nova ‘filiação’”. Assim, com a construção da identidade de Curitiba, criou-se uma materialidade simbólica que culminou na construção de uma origem “outra”, diferente da realidade. Esse discurso construiu o imaginário necessário para dar uma identidade à Curitiba, nas palavras de Orlandi (2003, p. 17), para constituí-la “em sua especificidade como um objeto simbólico”. Se de um lado temos a história que considera a presença de escravos em Curitiba, bem como a participação de negros na construção do Paraná; de outro lado temos o discurso fundador, instituído na formação discursiva do Movimento Paranista, que busca apagar o escravo, o negro e seus descendentes da história desse Estado. É nesse sentido que o discurso fundador disseminado pela FD do Movimento Paranista – população com características europeias e a inexistência de negros e escravos no Paraná –, ainda ecoa pela cidade, em nossa identidade, em nossa relação social, nos espaços/lugares de memória.

Assim, este artigo busca analisar esse discurso fundador por meio dos escritos do botânico e viajante francês Auguste de Saint-Hilaire (1995) e dos historiadores Romário Martins (1995) e Wilson Martins (1989), em que temos configurada a linha de formação do estado do Paraná: povo descendente de europeu, branco, de olhos azuis. Ou seja, um discurso

fundador que instaura, por meio do discurso do Movimento Paranista, uma nova identidade para o Paraná, logo para sua capital: cidade e população com características europeias, em que o negro/escravo são apagados ou omitidos.

## **Discursos fundadores: consolidação da construção identitária paranaense**

Segundo Hall (2006), as diferenças entre as nações estão na maneira como são imaginadas, identificadas. Verifica-se que a identidade curitibana foi construída pelo princípio da alteridade, ou seja, por uma relação fundada pela diferença (identidade nacional vs. identidade paranaense). Assim, contrapondo ao estereótipo brasileiro (país tropical, povo alegre, que gosta de carnaval e futebol), criou-se o simulacro para o estado do Paraná (cosmopolita, com uma diversidade étnica e um povo que ama essa terra), e para Curitiba (cidade, clima e população com características europeias).

Segundo Silva (2003, p. 97), a identidade é uma construção inacabada, ligada a estruturas discursivas e narrativas, bem como a sistemas de representação. Ela é resultado de um processo de produção simbólico, discursivo e linguístico, bem como de criações sociais e culturais.

Por ser fabricada no contexto das relações sociais, a identidade está sujeita a relações de poder, isto é, a ser imposta. Segundo Silva (2003, p. 81-82),

Podemos dizer que onde existe diferenciação – ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. [...] São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“nós somos normais; eles são anormais”).

Exemplos das marcas da presença de poder ocorridas por meio da diferenciação (identidade e diferença) podem ser verificados no tratamento dado aos negros no discurso fundador paranaense: que são excluídos da formação paranaense, inferiorizados, discriminados, invisibilizados.

Desse modo, para caracterização desse discurso que invisibiliza o negro em Curitiba, três obras foram selecionadas para análise, que trazem o discurso fundador, pois apresentam relatos que contribuíram para a criação da identidade do Paraná, são elas: *Viagem pela Comarca de Curitiba*, de Auguste de Saint-Hilaire, publicada em 1851; *História do Paraná*, de Romário Martins, publicada em 1899; e *Um Brasil Diferente*, de Wilson Martins, publicada de 1955.

Por meio dessas obras é possível ter uma visão comparativa e cronológica da criação da identidade curitibana por olhares diferentes: o francês Auguste de Saint-Hilaire nos apresenta Curitiba logo após o Paraná se tornar província, temos então um olhar de um estrangeiro de passagem que busca, com seu discurso, convidar o europeu para viver na cidade, e que vê no imigrante europeu a solução para um futuro de progresso no Estado. Já na obra do curitibano Romário Martins, temos uma visão mais contemporânea do Paraná e de um integrante do Movimento Paranista, que tem como ideal criar uma identidade para o Estado, em que se hierarquiza a raça branca como superior à negra e se valoriza o imigrante europeu. Por fim, na obra de Wilson Martins, mais atual, temos um olhar de um paulista radicado em Curitiba, que apresenta, efetivamente, um discurso que constrói uma imagem de branqueamento e de negação do negro em Curitiba.

Esse discurso fundador analisado instaurou e fixou sentidos novos que até hoje possibilitam a invisibilidade do negro na capital paranaense. Dentre esses sentidos que contribuíram com a

identidade curitibana, estão os apresentados a seguir.

Segundo Saint-Hilaire e Wilson Martins, as condições geográficas e climáticas de Curitiba justificam a identificação do europeu com a cidade. É esse discurso, que estabelece semelhança entre Curitiba e as cidades da Europa, que propaga e fixa, até hoje, o imaginário de Curitiba com clima europeu, solo fértil e ambiente físico e social compatível à etnia.

[...] Entre todas as partes desse império que percorri até agora, **não há nenhuma outra onde uma colônia de agricultores europeus tenha possibilidade de se estabelecer com mais sucesso do que ali. Eles encontrarão um clima temperado, um ar puro, as frutas do seu país e um solo no qual poderão desenvolver qualquer tipo de cultura a que estejam acostumados, sem grande dispêndio de energia.** [...] (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 32, **grifo nosso**).

[...] **as condições de clima e a colonização anterior o fazem atrativo para a imigração europeia**, terra onde os imigrantes que deixaram tudo para trás, deixando a sua pátria e o seu lar, **encontram, de novo, e quase inesperadamente, o melhor ambiente físico e social para atenuar o desajustamento em terra e entre gentes estranhas.** (MARTINS W., 1989, p. 102, **grifo nosso**).

Cabe destacar, na segunda citação, o enunciado “colonização anterior”, referente aos portugueses, em que é criado o sentido de que há uma nova colonização: as dos imigrantes - discurso também visto no trecho do livro de Romário Martins:

Em todas as zonas povoadas do Estado, os elementos étnicos da **segunda fase do nosso povoamento** estão representados por imigrantes ou por seus descendentes de origem alemã, austríaca, italiana, polonesa, russa, ucraniana, holandesa, sírio-libanesa, em grande número, e por várias outras etnias de menor vulto. **Conjuntamente com os descendentes dos povoadores fundamentais**, essa população por toda a parte aí está construindo a Babel de todas as raças, irmanadas na mesma obra civilizadora, integrada no espírito novo, de cooperação e de fraternidade, com que marchamos para o futuro. (MARTINS R., 1995, p. 351-352, **grifo nosso**).

Assim, vemos por meio desse discurso que o imigrante europeu passa a ser considerado como o antepassado do paranaense/curitibano, o novo colonizador. Temos, então, todo um discurso sobre o imigrante europeu, em que este é sempre o centro e nunca o Outro na história da formação do Paraná, bem como na conformação de Curitiba. É a desautorização de um sentido anterior sobre a colonização do Estado: colonização por portugueses, presença de índios e negros/escravos.

Cabe destacar, aqui, que são as Formações Discursivas que delimitam o interdiscurso com enunciados possíveis e define um território como sendo de seu Outro, criando, assim, a noção de contradição discursiva – que não seria a oposição entre duas forças, uma contra a outra, mas a contradição no sentido de cada força utilizar a seu favor a mesma ideia. Assim, a posição de sujeito ocorre sempre na relação entre o sujeito enunciativo e o sujeito de uma dada FD, isto é, entre o eu e o sujeito discursivo (Sujeito universal).

Além disso, quando Wilson Martins diz que “o ‘homem paranaense’ é, jurídica e sociologicamente, o homem que nasce no Paraná, mas o homem que nasce no Paraná é, do ponto de vista étnico, profundamente internacional” (MARTINS W., 1989, p. 172), temos o jogo entre as formações imaginárias para a constituição de

um novo sentido, ou seja, o jogo de imagens - a imagem que o sujeito faz dele mesmo, de seu interlocutor e do objeto do discurso.

Essas formações imaginárias estão ligadas à identidade que o sujeito possui. Assim, nessa ressignificação de sentido, o paranaense passa a ser o internacional, o imigrante europeu, conseqüentemente este passa a ser o principal pré-construído desse discurso. De acordo com Pêcheux (1997), é a partir do interdiscurso (o que pode ou não ser dito), que se constitui de pré-construídos (discursos produzidos anteriormente, já-ditos, em outros discursos e em outros lugares), que encontramos os objetos de que o sujeito enunciador se apropria para fazer deles seu discurso: o já-dito.

Assim, o discurso fundador aqui analisado contribuiu para com a valorização do imigrante europeu por meio de discursos em que se elogiam as características físicas do paranaense que se assemelham às dos estrangeiros.

Em nenhuma outra parte do Brasil encontrei tantos homens genuinamente brancos quanto no distrito de Curitiba. [...]. De um modo geral eles são altos e bem constituídos, têm cabelos castanhos e pele rosada; suas maneiras são afáveis, sua fisionomia é franca, e eles não mostram o menor sinal daquela basófia que comumente torna insuportáveis os empregados e os comerciantes da capital do Brasil. As mulheres têm traços mais delicados do que as de todas as outras regiões do império que já visitei até agora, elas são menos arredias e conversam agradavelmente. (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 118-119).

A bela raça paranaense, que está se formando com o cruzamento do anglo-saxão, do latino, do eslavo, inteligente, viçosa, empreendedora, é digna de toda a solicitude, de todos os sacrifícios, para não desmerecer de seu brilho (Dr. Trajano Reis *apud* MARTINS W., 1989, p. 134).

Nos trechos anteriores, como visto, temos a caracterização do paranaense ideal, aquele

formado pelo cruzamento com o europeu e com características europeias (branco, olhos e cabelos claros), bem como um discurso que valoriza a etnia branca – diferente da do resto do Brasil (mestiça, negra). É esse discurso fundador que preconiza a superioridade da raça branca/ariana e confere aos imigrantes o progresso e civilização do povo natural.

Será um erro supor que a maioria dos habitantes dos Campos Gerais seja composta de mestiços. **Há nessa região um número infinitamente maior de homens realmente brancos** do que nos distritos de Itapeva e de Itapetininga, e, à época de minha viagem, quase todos os operários da cidade de Castro pertenciam à nossa raça. **Não é, pois, de admirar que os habitantes dos Campos Gerais, apesar de sua profunda ignorância, falem um português muito mais correto do que os que habitam os arredores da cidade de São Paulo; eles que o pronunciam melhor;** [...]. (SAINT-HILAIRE, 1995, p. 17, **grifo nosso**).

**Com a esperada afluência de novos imigrantes de nacionalidade alemã, polaca e italiana, pode-se afirmar que é desta mescla com o nacional que se formará o futuro tipo paranaense, constituindo certamente uma sub-raça inteligente e vigorosa,** que saberá aproveitar as grandes riquezas de que a natureza dotou o solo deste futuro estado. (Silvio Romero *apud* MARTINS W., 1989, p. 125, **grifo nosso**).

Nos trechos anteriores vemos, ainda, que a convivência do paranaense natural (ignorante) com o imigrante, o tornaria uma “sub-raça” inteligente e vigorosa. Aqui o discurso fundador institui como o Outro – em relação ao imigrante europeu – o paranaense/brasileiro, construindo um discurso de superioridade da raça branca europeia.

É esse discurso que criou o imaginário construído para a significação da cidade e da sua população, em que o negro é invisibilizado; e que o Outro, considerado contraponto do paranaense,

é o europeu, tanto como antepassado quanto como imigrante, como pode ser visto no trecho do livro de Wilson Martins:

Se é verdade, como se diz, que em algumas regiões do Brasil não há brasileiro sem uma gota de sangue negro, **no Paraná pode-se dizer que não há brasileiro, principalmente os de velhas famílias paranaenses, sem uma gota de sangue estrangeiro.** (MARTINS W., 1989, p. 329, grifo nosso).

Assim, podemos dizer que é esse discurso fundador paranaense que determina a política do silêncio (ORLANDI, 1997) no qual se diz X para não se dizer Y, ou seja, em que se exalta o europeu (branco) para não ter que dizer sobre o negro.

No discurso da construção de Curitiba, que se insere na FD do Movimento Paranaense, não há apagamento de certos elementos (imigrantes europeus, ideologias racista e do branqueamento), mas sim o silenciamento de certos pré-construídos (negros, escravos, favela, periferia). Com isso, podemos dizer que há o apagamento das condições propriamente históricas de produção do discurso preconceituoso, racista, visto que esses pré-construídos não são ditos em benefício de uma nova condição de produção do discurso, em que não existem problemas raciais em Curitiba-PR, fazendo, assim, com que essa condição de produção discursiva determine efeitos de sentidos diferentes, em que a questão do negro não se coloque e, portanto, que a sua existência não ocorra.

Como já dito, com o intuito de se criar uma identidade paranaense, buscou-se apagar a visibilidade do negro no Paraná, visto que este, após a emancipação do Estado, e devido ao tráfico de escravo, estava visível na constituição da população. Assim, também encontramos no discurso fundador o apagamento da raça negra e da escravidão.

[...] a presença do imigrante, em primeiro lugar, e, depois, a ausência do português e a **inexistência da escravidão**, de tal forma que os dois últimos não chegaram a atuar como forças sociologicamente ponderáveis. (MARTINS W., 1989, p. 05, grifo nosso).

Ele poderia acrescentar que esse belo tipo físico, corado e de cabelos castanhos se distinguia, ainda, dos demais brasileiros, por um traço de fundamental importância: não se misturava com o **negro, existente em reduzidíssimo número em toda a província no decorrer da sua história, e que por isso não chegou a invadir sexualmente os hábitos desses rústicos senhores primitivos. Ao lado da imigração, é a inexistência da grande escravidão o aspecto mais característico da história social do Paraná, ambos o distinguindo inconfundivelmente de outras regiões brasileiras**, como a que compreende o Rio de Janeiro e o Nordeste, por exemplo. (MARTINS W., 1989, p. 128, grifo nosso).

Assim é o Paraná. Território que, do ponto de vista sociológico, acrescentou ao Brasil uma nova dimensão, a de uma civilização original construída com pedaços de todas as outras. **Sem escravidão, sem negro**, sem português e sem índio, dir-se-ia que a sua definição humana não é brasileira. [...] (MARTINS W., 1989, p. 446, grifo nosso).

Cabe destacar, ainda, que mesmo invisibilizando o negro, o discurso fundador paranaense não deixa de considerar a sua existência, como pode ser visto nos trechos abaixo:

Como os índios, os negros foram agentes da riqueza colonial, individual e pública, e elemento formador da nossa nacionalidade. (MARTINS R., 1995, p. 152).

O negro africano concorreu, e muito, com a exuberância dos seus instintos afetivos, de resignação e de cordura, despertados pela disciplina das senzalas para este espírito de tolerância e de desprendimento que forma o fundo do nosso caráter. (MARTINS R., 1995, p. 154).

Ambos os discursos confirmam a contribuição do negro na cultura e formação do

povo brasileiro, logo, paranaense. No entanto, em alguns discursos, ao considerar a existência do negro, este é caracterizado negativamente:

Fetichistas ao extremo, adoravam ídolos de grosseira confecção e até mesmo simples pedaços de osso, penas, etc.

[...]

Como artistas foram detestáveis. Os seus trabalhos de pintura eram de uma infantilidade sem progresso, e a sua escultura era informe. Na música e na dança, porém, revelam gosto e aptidão.

[...]

Quase todas as tribos eram polígamas e a forma de casamento, a compra de esposas. Mas em algumas tribos já as mulheres iam conquistando certos direitos domésticos. (MARTINS R., 1995, p. 153).

**Ao povo cumpria obedecer e fazia-o passivamente [...].**

Os sentimentos dos negros escravizados em nosso país eram, em regra, os melhores possíveis, embora sua **pouca capacidade de assimilação da cultura ariana** se mostrasse desde logo evidente (MARTINS R., 1995, p. 154, **grifo nosso**).

O que se percebe é que esse discurso anterior visa a inferiorizar o negro, se comparado com o paranaense, logo com o imigrante europeu. Nele encontramos comentários negativos sobre a religião (adoração), a arte e a cultura (casamento) afro, bem como característica da personalidade (passividade), que contribuem para sua exclusão, visto que o discurso negativo é sobreposto pelo discurso positivo sobre o imigrante europeu. Em relação ao trecho “incapacidade de assimilação de outra cultura”, além de poder ser interpretado como referência à incompetência do negro, temos um sentido outro: o de resistência à imposição da cultura ariana.

Verifica-se, ainda, que, em alguns casos, a construção da imagem do branco é feita através do discurso sobre negro.

A necessidade da emancipação do escravo sempre esteve presente **no espírito e nos sentimentos de nossa raça**. (MARTINS

R., 1995, p. 379, **grifo nosso**).

[...] o escravo no Paraná não estava no eito dos cafezais e canaviais, sob a vigilância do feitor, em geral ganancioso, humilde ao patrão e feroz para com os escravos. As fazendas de criar como eram as nossas, em geral, ocupavam os crioulos, **para os quais os senhores, principalmente os moços, olhavam com mais sentimentalismo. De sorte quando se apelou para a generosa bondade paranaense, a libertação precipitou-se, fez-se sem ruído e sem violências**. A emancipação a 13 de maio de 1888 encontrou aqui quase tudo feito. (MARTINS W., 1989, p. 130, **grifo nosso**).

Temos, então, a constituição de um discurso como mero pretexto para mostrar como é o paranaense/a raça branca: um ser de sentimento, generoso, bom, ou seja, um discurso que na realidade valoriza a raça branca/o povo paranaense.

Além do discurso que exclui o negro, temos o discurso que busca o invisibilizar da história da fundação do Estado: a ideologia do branqueamento por meio da miscigenação.

São tais os efeitos do cruzamento de mestiços de negro observados no Brasil, **que se pode prever, ainda para este século, o desaparecimento total dos seus restantes índices etiópicos na fisionomia da parte da população nacional que lhe é correspondente**. (MARTINS R., 1995, p. 157, **grifo nosso**).

É que o negro, sem o dinamismo reprodutivo que se observou em outras províncias brasileiras, **sempre sofreu, e continua sofrendo, no Paraná, da tendência a desaparecer**. É o que observa Romário Martins, atribuindo-o a várias causas: **seu pequeno número relativamente à população branca; à precoce mortalidade do mulato; às ‘cruzas e recruzas’ com brancos; as mudanças, e outras causas de menor importância**. (MARTINS W., 1989, p. 133, **grifo nosso**).

Nesse sentido, verifica-se que o discurso fundador paranaense prevê, com o tempo, o desaparecimento dos traços étnicos da raça negra,



ou seja, a evolução étnica e social paranaense e a assimilação dos elementos da raça branca europeia na formação da sua população.

Segundo Hofbauer (2006, p. 27), a ideologia do branqueamento “postula a supremacia do branco e, ao mesmo tempo, induz os indivíduos a se aproximarem desse ideal”. No entanto, além dessa vertente ideológica, que busca a interiorização, pela população negra, dos modelos culturais brancos, a fim de que se perca seu *ethos* de matriz africana, existe uma outra, empírica, definida como processo de “clareamento” da população brasileira, em que foram realizadas campanhas de incentivo para a imigração europeia, bem como para a miscigenação, no final do século XIX e início do XX.

Nota-se que o discurso fundador de Romário Martins apresenta essas duas vertentes do branqueamento: tanto ideológica (a importância do europeu para o desenvolvimento e progresso do paranaense) quanto empírica (a miscigenação). Também é importante destacar que, ao contrário de Saint-Hilaire, que compreende a questão da raça como sendo biologizante/natural, Romário Martins a vê como divina, relacionada à maldição de Cam – discurso referente à lenda de Noé, construído e fixado ao longo da Idade Média, que foi utilizado para justificar moralmente a escravidão: o direito de subjugar o igual, o seu irmão (no sentido bíblico).

Portanto, essas três obras selecionadas tanto apresentam a interpretação constitutiva do tipo humano do Estado recém-formado como projetam um ideal desse mesmo tipo, ressaltando traços positivos e desejáveis e apagando os considerados indesejáveis (a negritude). São elas que fixam um imaginário em que Curitiba é identificada com a Europa e que o imigrante europeu é valorizado. Um discurso fundador que trabalha tanto a exclusão quanto a fixação de certos efeitos de sentidos que produzem a

identidade de Curitiba.

É esse discurso fundador, presente na formação discursiva do Movimento Paranista, que, ao longo do tempo, teve um papel crucial para a desconstrução da identidade negra, criando a ideia de harmonia racial e da superioridade dos brancos, bem como a marginalização de um grupo e a supervalorização de outro. E é essa negação do negro no discurso que fez, e faz, com que seja confirmado o mito da ausência do negro no passado, bem como faz permanecer esse mito no futuro.

## Considerações finais

Como visto, a partir dos relatos de Saint-Hilaire, Romário Martins e Wilson Martins, temos instalada uma nova filiação, um novo sentido, sobre a identidade paranaense/curitibana, baseada na ideologia do Movimento Paranista surgido na época. É a partir das obras desses autores, e de seus discursos fundadores, que foi construído e projetado o imaginário necessário para a criação desta identidade que busca apagar o escravo, o negro e seus descendentes da história paranaense e que valoriza e exalta a participação dos imigrantes europeus na sua formação.

Podemos dizer que Auguste de Saint-Hilaire foi o precursor desse discurso que projeta um pensamento racista, que essencializa um grupo étnico positivamente - a raça branca -, defendendo uma suposta superioridade pela via do físico, da estética, da inteligência, dos hábitos e da linguagem. Esse processo de racialização, que afirma a superioridade de um grupo étnico sobre outro, é que, também, justifica a dominação racial. Nesse sentido, o livro de Auguste de Saint-Hilaire busca apresentar a comarca de Curitiba para a Europa com um discurso que preconiza a superioridade da raça branca, incentivando a fixação europeia nessa terra como forma de

progresso e civilização do povo natural. Temos, então, um painel etnográfico incorporado a uma paisagem descrita com rigor e riqueza, mas onde o negro/escravo, mais da metade da população na época (1818-1838), não é contemplado nem valorizado.

Romário Martins, outro contribuinte para a construção da identidade paranaense, buscou apresentar a história do Paraná para o povo paranaense – ao contrário de Saint-Hilaire que apresentou Curitiba à Europa. Seu discurso mostra a história da relação de um grupo humano (paranaense) com o meio geográfico. Nessa história regional, Romário não hierarquiza as raças brancas, reconhece a presença de índios e não nega a presença de negros/escravos no Paraná, no entanto os apresenta com um discurso depreciativo, discriminatório, e como sendo de número insignificante; além de prever seu desaparecimento total a partir da miscigenação. Nesse sentido, Romário Martins propagou um discurso que condiz com o projeto de modernidade paranaense, e do Movimento Paranista, que visava a raça branca como o paranaense ideal, a divulgação e exaltação da índole e da fibra do paranaense e a fundação e defesa da territorialidade do Paraná, para que o regionalismo tivesse a função de nacionalismo, ou seja, para que o paranaense se tornasse um paranista – aquele que tem amor à terra.

Em relação ao discurso de Wilson Martins, este projeta tanto o discurso racista, pois destaca a etnia alemã como superior, quanto a do branqueamento (ideológico e empírico), visto que exalta o imigrante europeu e acredita que a população negra, por meio da miscigenação, com o tempo, iria desaparecer. Observa-se também que Wilson Martins buscou delinear uma identidade paranaense não por sua similaridade ao nacional, mas pela heterogeneidade do povo em relação ao resto do país, apresentando duas zonas de

colonização no Brasil: uma nacional (de origem portuguesa, matricial) e outra de predominância estrangeira. Ainda em relação à formação social do povo paranaense, para Wilson Martins estaria a ausência do português e a quase inexistência da escravatura, fato contraditório visto que, até 1888, a sociedade paranaense era escravocrata e que, em 1955, a população negra e parda no estado do Paraná era de 35% do total. É nesse contexto que esse autor contribuiu com o mito e o reforço do Estado branco, fruto da colonização europeia.

Portanto, tendo em vista os discursos de Saint-Hilaire, Romário Martins e Wilson Martins, verifica-se que a imagem identitária projetada para o curitibano não está relacionada com a imagem real depreendida da população do período, visto que nesta existia um número de negros/escravos considerável e que estes contribuíram para a formação e o progresso do Estado.

Os discursos fundadores desses autores criaram uma nova identidade para Curitiba: uma identidade regional e cultural que exalta o europeu e apaga o negro. Essa imagem idealizada proposta pelos autores Saint-Hilaire, Romário Martins e Wilson Martins foi, e é, introjetada e assumida pela população, ou seja, a população aceita e adere a essa projeção identitária, resultando em um apagamento da presença do negro no Paraná e, especificamente, em Curitiba.

Portanto, é o discurso fundador que consolida a identidade criada de que o estado do Paraná seria “branco e europeu” desde sua fundação e, ainda hoje, reforça uma visão preconceituosa e práticas excludentes, como a invisibilidade dos negros.

## Referências

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7.

ed. Tradução de: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Campo Teórico).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão.** São Paulo: Unesp, 2006.

MARTINS, R. **História do Paraná.** Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.

MARTINS, W. *Um Brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná.* 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989. (Coleção Coroa Vermelha. Estudos Brasileiros; v. 16)

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos.** 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. (Coleção Repertórios).

\_\_\_\_\_. Vão surgindo sentidos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** 3. ed. Tradução de: Eni Puccinelli Orlandi et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

PEREIRA, Luiz Fernando Lopes. **Paranismo: o Paraná inventado. Cultura e imaginário no Paraná da 1ª República.** 2. ed. Curitiba, PR: Aos quatro ventos, 1998

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pela comarca de Curitiba.** Trad. de Cassiana Lacerda Carollo. Curitiba: Fundação Cultural, 1995. (Farol do Saber).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** 2. ed. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.